

Série Verde Sinos: análise de reportagem por critérios do Jornalismo Ambiental¹

Rosiane ZANOVELLO²

Cláudia Herte de MORAES³

Universidade Federal de Santa Maria, Frederico Westphalen, RS

RESUMO

O artigo apresenta análise da abordagem sobre meio ambiente em reportagens premiadas pela 8ª edição do Prêmio Unochapecó/Caixa Federal, na categoria website: a série *Verde Sinos*, publicada pelo Grupo Sinos (sediado em Novo Hamburgo/RS), em maio de 2015. A série foi analisada a partir das categorias de conceitos ecológicos, uso de fontes, causas, consequências e soluções, recursos de multimídia, uso de estatísticas e de legislação. Com a metodologia da análise de conteúdo, conclui-se que as reportagens asseguram boa informação ao leitor, colaborando de forma razoável com a educação ambiental, embora utilize pouca pluralidade de fontes; apresenta causas e consequências, porém, em algumas não aponta as soluções; e, de um modo geral, traz informações com utilização de multimídia, deixando de lado as questões da legislação.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo ambiental; *Verde Sinos*; Rio dos Sinos; Grupo Sinos; práticas jornalísticas.

Introdução

Vários estudos sobre a cobertura de meio ambiente pelos veículos de comunicação indicam a fragilidade de reportagens que são apontadas como superficiais ou fragmentárias (MORAES & CORRÊA, 2008) com pouco aprofundamento ou baseada em dramas e catástrofes (GIRARDI et al, 2012). Neste sentido, entre os principais requisitos na conceituação do jornalismo ambiental estão a atuação pedagógica (BUENO, 2007a, 2007b), por meio da qual as questões ambientais possam ser entendidas, de forma aprofundada pelo público, e a apresentação de vários ângulos

¹ Trabalho apresentado no IJ1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo - bacharelado na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), bolsista PIBIC/CNPq, email: rosizanovello@gmail.com

³ Orientadora da pesquisa. Doutora em Comunicação e Informação, professora da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), email: chmoraes@gmail.com

dos problemas, na medida em que é preciso saber todas as implicações do fato para a percepção dos limites da natureza diante do que a sociedade entende por desenvolvimento (MORAES, 2016).

Levando-se em conta os vários elementos trazidos pela bibliografia sobre jornalismo ambiental, este artigo apresenta uma análise de conteúdo da série de reportagens *Verde Sinos*, publicada pelo Grupo Sinos (sediado em Novo Hamburgo/RS) em maio de 2015, e que foi vencedora do Prêmio Unochapecó/Caixa Federal, em sua 8ª edição, ocorrida em 2016. As reportagens abordaram os trabalhos de pesquisa do projeto *Verde Sinos*, coordenado pelo Comitê de Gerenciamento da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos (Comitesinos). A série traz a importância dos banhados da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos, como eles são impactados pela ação do homem e o que pode ser feito para sua preservação e recuperação.

Em sua oitava edição, o Prêmio Unochapecó/Caixa de Jornalismo Ambiental é uma iniciativa do curso de Jornalismo, em parceria com a Unochapecó e com a Caixa Econômica Federal. Seu objetivo é incentivar a prática jornalística e promover o debate sobre assuntos que envolvam o meio ambiente. O concurso visa enaltecer as reportagens jornalísticas que abordam o ambientalismo na região Sul (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) sendo destinado a profissionais e estudantes de Jornalismo.⁴

O objetivo da pesquisa foi analisar de que forma a série - premiada e, portanto, reconhecida como sendo um material de qualidade - se aproxima da ideia da educação ambiental via jornalismo; se cumpre com o objetivo educacional, trazendo visões diferenciadas do problema: causas, soluções, consequências; e, de um modo geral, de que maneira apresenta ao leitor essas diferentes informações, consideradas relevantes para a compreensão da questão abordada.

Na primeira parte, apresentam-se os conceitos de jornalismo ambiental que proporcionam a base para a organização das categorias que indicam a qualidade da informação, que são explicitadas na segunda seção. Também é relevante a busca de categorias específicas para a análise do meio de publicação, no caso, a internet, já que cada veículo traz potencialidades diferenciadas para a prática jornalística. Após, são

⁴ Dados retirados de: <<http://www.ucs.br/site/noticias/1642/>>.

apresentados os dados e suas respectivas análises, produzindo uma reflexão sobre as características das reportagens, relacionando-as, por fim, às conceituações advindas do jornalismo ambiental.

Jornalismo, educação e pauta ambiental

O jornalista é o mediador social por excelência e seu trabalho deve ser comprometido. Gelós (2003 apud GIRARDI et al., 2012). Por isso, considera-se importante discutir o papel do jornalismo em relação às questões ambientais, destacando-se a necessidade de um maior aprofundamento nos assuntos noticiados, interligando as possíveis causas e no que irá resultar o fato apresentado. Em diversas vezes, as matérias são apresentadas sem contextualização alguma. Massierer (2007) apresentou pesquisa sobre a qual concluiu que as notícias ambientais tinham o mesmo tratamento das demais, sendo publicadas, portanto, de forma isolada e fragmentada. A partir disso, surge a crítica à falta de abordagem sistemática nas pautas, que não podem estar isoladas, motivadas apenas por eventos extremos ou catástrofes.

Baseando-se nas atribuições básicas do jornalismo ambiental, para Bueno (2007a) o jornalismo tem uma função social que vai além de simplesmente informar, por isso, expõe diferentes funções a serem exercidas:

A função informativa preenche a necessidade que os cidadãos têm de estar em dia com os principais temas que abrangem a questão ambiental, considerando o impacto que determinadas posturas, processos e modelos tem sobre o meio ambiente e, por extensão, sobre a sua qualidade de vida. No caso da função pedagógica, essa diz respeito à explicitação das causas e soluções para os problemas ambientais e à indicação de caminhos para a superação dos problemas ambientais. Já a função política tem a ver com a mobilização dos cidadãos para fazer frente aos interesses que condicionam o agravamento da questão ambiental. (BUENO, 2007a, p. 35-36)

Somado a esses elementos, John (2001) enfatiza a relevância da mediação entre as fontes e o público, a fim de os jornalistas não serem meros porta-vozes de suas fontes, reprodutores de falsos consensos oficiais. Outro ponto levantado pela autora, é a espetacularização de certas pautas, sendo ainda que estas não devem ser uma aula de

ecologia, e sim buscar atrair o leitor com boas chamadas, ter um *lead* convidativo, fotografias interessantes e explorar os vínculos entre realidades distintas.

Seguindo nessa direção, observa-se a complexidade das pautas ambientais que, apesar de abordar temas do cotidiano, envolvem uma diversa gama de conceitos mais específicos. Petrarca (2008) argumenta que o ‘jornalismo ambiental’ se caracteriza como uma forma de exercício profissional que se constitui na fronteira entre o ‘universo jornalístico’ e o ‘movimento ecológico’.

Campos (2006) destaca a função social dos meios de comunicação, “por seu compromisso social e por seu poder de influenciar o modo como as pessoas pensam e agem”, e propõe a formação ambiental no jornalismo, por uma educação no “contexto da visão sistêmica” (p.190), desta forma, como proposto por Trigueiro, teremos “uma alfabetização ecológica do jornalista” (apud CAMPOS, 2006, p.218).

Ao relacionar o elemento “educação ambiental” ao jornalismo ambiental, surgem várias diretrizes na discussão sobre a função do jornalista: apenas informar ou também educar? Pensando nesse viés, a educação ambiental transpassa os limites e visa um ensino mais amplo, que deve ocorrer de modo contínuo. Nessa perspectiva, o jornalista deve buscar informar com responsabilidade, aprofundando-se dos assuntos para que o material redigido dê uma visão mais ampla dos fatos. Para Bueno (2007b) o jornalismo ambiental cumpre uma função pedagógica, integra o processo global da chamada educação ambiental, e, portanto, “é necessário que o repórter esteja disposto a contribuir para isso” (p.52).

A partir disso, Trigueiro (2005) compreende que uma das premissas do jornalismo ambiental é perceber a realidade que nos cerca de um ângulo mais amplo, privilegiando a qualidade de vida no planeta e do planeta. O autor expõe ainda que “não é mais possível explicar o mundo em que vivemos sem considerar os impactos crescentes de uma mídia cada vez mais onipresente, sofisticada e instantânea” (p. 286).

Seguindo a definição exposta no Relatório de Brundtland, o desenvolvimento sustentável faz referência ao meio ambiente e a capacidade de utilizar os recursos e os bens da natureza sem comprometer a disponibilidade desses elementos para as gerações futuras. (MOUSINHO apud TRIGUEIRO, 2005, p. 348). Embasado a isso, encaixa-se a

necessidade da sustentabilidade, pois são elementos que se inter-relacionam, tendo em vista que a lógica do desenvolvimento precisa estar sob uma modernidade ética e não apenas técnica, que atenda as necessidades atuais, e assegure junto a isso, qualidade de vida. (BURNZTYN, 2001)

Nesse contexto, Veiga (2010) defende que, para haver sustentabilidade, é preciso de uma macroeconomia, que além de verificar os relevantes limites naturais diante do crescimento das atividades econômicas, “rompa com a lógica social do consumismo” (p.26). No entanto, destaca a necessidade da formulação de uma alternativa que supere o que existe de mais comum, nas teorias de macroeconomia na contemporaneidade.

Leff (2001) afirma que há uma impossibilidade de resolver os crescentes e complexos problemas ambientais e modificar seus motivos sem que aconteça uma transformação radical nos sistemas de conhecimento, dos valores e dos comportamentos produzidos pela dinâmica de racionalidade existente, fundada no aspecto econômico do desenvolvimento.

Com base nisso, Veiga (2010) identifica a crescente degradação das condições de vida, o que corresponde a uma crise ambiental, que nos remete a uma imprescindível ponderação referente aos desafios, para modificar as formas de pensar e agir em torno da questão ambiental numa perspectiva contemporânea. Diante disso, a educação ambiental passa a ser um tópico para o desenvolvimento. Uma educação, acima de tudo, voltada à sensibilização da sociedade como característica primordial para a sustentabilidade.

Bueno (2007b) faz referência aos que confundem jornalismo ambiental com marketing verde ou eco propaganda, porém o jornalismo ambiental deve ter compromisso com o interesse público, com a democratização do conhecimento, com a ampliação do debate. Não pode ser utilizado como porta-voz de segmentos da sociedade para legitimar poderes e privilégios. No caso das reportagens ambientais, elas devem representar um compromisso, exercido a partir de uma visão particular do mundo e deve ser planejada e executada em função disso. Se a pauta, as fontes, o foco da entrevista não estiverem respaldados neste olhar, teremos uma reportagem qualquer. Ressalta-se,

desse modo, que a produção da reportagem ambiental diz respeito, mais especificamente, ao olhar do repórter, ao seu engajamento com o trabalho, e não necessariamente, às etapas utilizadas. (BUENO, 2007b).

O espaço, na maioria das vezes, cedido apenas às fontes oficiais, empobrece as pautas ambientais. Schmitz (2011) ressalta que as fontes oficiais são as preferidas dos jornalistas “pois suas ações e estratégias têm impacto direto no interesse público, pela sua capacidade e poder de influência, acesso facilitado e sistemático às pautas da mídia.” (p.9).

É com base em uma cobertura mais humanizada, que as fontes no jornalismo ambiental, para Bueno (2007b), devem ser todos nós. Sua missão será sempre compatibilizar visões e experiências e conhecimentos que possam contribuir para a relação entre o homem (e suas realizações) e o meio ambiente.

Cabe evidenciar que, a partir do momento que a abordagem da pauta e as fontes são escolhidas, o veículo optará por dar voz a determinadas fontes, enquanto as demais não serão escutadas, e isso implicará diretamente no enquadramento da reportagem. “A maioria das notícias depende do que as fontes dizem, dos tipos consultados e das suas ações.” (SCHMITZ, 2011, p. 19).

Há diversos autores que classificam as fontes. Este artigo seguirá a classificação proposta por Schmitz (2011), verificando-se o grupo e o crédito, além do número de fontes consultadas em cada reportagem. A seguir, a matriz de categorização composta pelo autor é explicitada na Tabela 1.

Categoria	Grupo	Ação	Crédito	Qualificação
Primária	Oficial	Proativa	Identificada	Confiável
Secundária	Empresarial	Ativa	Sigilosa	Fidedigna
	Institucional	Passiva		Duvidosa
	Individual	Reativa		
	Testemunhal			
	Especializada			
	Referência			

Tabela 1: Classificação das fontes por Schmitz (2011, p. 7)

Metodologia de análise

O estudo consiste na análise da série de reportagens *Verde Sinos*, publicada nos dias 18, 19, 20 e 21 de maio de 2015, pelo Grupo Sinos (sediado em Novo Hamburgo/RS). Vencedora do Prêmio Unochapecó/Caixa Federal, em sua 8ª edição, ocorrida em 2016, a série premiada se divide em quatro reportagens. Para um melhor entendimento, ao se referir às reportagens, optou-se por realizar uma codificação. Assim, pode-se observá-las de acordo com a data que fora publicada, sendo: P#1 (publicação de 18 de maio), P#2 (publicação de 19 de maio), P#3 (publicação de 20 de maio), e P#4 (publicação de 21 de maio).

Na Tabela 2 estão as reportagens que compõem o objeto de estudo, com a codificação, o título e sua respectiva data.

	Data da publicação	Títulos das reportagens/ Série <i>Verde Sinos</i>
P#1	18/05/2016	Atlas para preservar e defender
P#2	19/05/2016	As aves embelezam os banhados
P#3	20/05/2016	O que lambaris e caramujos nos dizem sobre a saúde dos banhados
P#4	21/05/2016	Vegetação nos banhados e qualidade da água contra a poluição

Tabela 2: Reportagens analisadas

Do ponto de vista metodológico, o artigo tem como base a análise de conteúdo para compreender algumas categorias dos dados coletados das reportagens. Bardin (1977) caracteriza a análise de conteúdo como técnica para estudar as comunicações humanas dando destaque aos conteúdos das mensagens, esta “visa obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção [...] destas mensagens”.

A partir dos conceitos de jornalismo ambiental, as categorias para a análise são as seguintes:

a) Conceitos Ecológicos: o jornalismo ambiental é uma área complexa, por isso as notícias ambientais devem ser produzidas com cuidado para traduzir termos ecológicos e científicos, porém sem se tornarem simplistas demais.

b) Uso de Fontes: as matérias jornalísticas precisam ter credibilidade. Para isso é necessário usar fontes confiáveis e que tenham informações relevantes sobre o tema. Para que elas não fiquem tendenciosas, tampouco subjetivas, é preciso buscar a pluralidade das fontes, que podem ser públicas ou privadas, oficiais ou não oficiais, documentos, arquivos, artigos ou trabalhos acadêmicos. A identificação das fontes se dá no conhecimento e na forma como ela se enquadra para expressar determinados fatos. Esse modelo adotado no jornalismo, de deter fontes de todos os lados da problemática, existe para que as matérias não sejam baseadas em achismos da população, daqueles que não possuem embasamento para comprovar o que dizem, nem se produzam notícias de difícil compreensão, devido aos termos técnicos utilizados por fontes oficiais. O número de fontes consultadas, preferencialmente mais de uma, é outro critério importante, pois atinge diretamente no esclarecimento do fato, além do que, o jornalismo por si só, deve obrigatoriamente consultar todos os envolvidos; relacionado a isso, é de extrema importância demonstrar também as opiniões divergentes, de forma que ocasione reflexão e discussões sobre o tema apresentando.

c) Recursos de Multimídia: o conteúdo informativo veiculado pelos periódicos impressos é limitado, não podendo usufruir de muitos recursos explicativos como infográficos, mapas e demais ilustrações, restringindo apenas para a descrição do acontecimento por meio do texto jornalístico. Porém, com a internet, o conteúdo pode ser usado usufruindo-se dos recursos multimídia, explorando ao máximo o potencial que essas plataformas onlines têm a oferecer. Além do que, atualmente, essas plataformas são usadas pela maioria das pessoas, sendo para o uso de pesquisa, notícias, entretenimento e até mesmo um objeto de trabalho. Por isso, é necessário que as notícias nos portais contenham outros recursos além do texto para oferecer aos internautas como vídeos, links, fotos, infográficos, para oferecer um entendimento e um conteúdo mais completo.

d) Causas e Consequências: para a notícia de cunho ambiental ser produzida com qualidade, e assim propiciar total entendimento, por meio de esclarecimentos dos fatos, deve-se tratar as causas e consequências do caso, contribuindo para a reflexão de quem a lê e a repercussão em relação ao ambiente em que se vive;

- e) Soluções: apresentar as possíveis soluções da problemática citada é essencial para que a informação obtenha eficiência, indicando possibilidades em relação aos fatos, desestimulando, desta forma, comportamentos passivos diante da crise ambiental.
- f) Estatísticas: A divulgação de estatísticas enriquece o conteúdo da matéria, por vezes é uma forma de comprovação pelo que foi dito, colaboram para a compreensão de grandezas, dimensões e alcance de determinados fatos.
- g) Legislação: Da mesma forma que as estatísticas, a legislação contribui para aprimorar a notícia, pois para o exercício de seus direitos de cidadania, o primeiro passo é o conhecimento da lei que rege as relações sociedade-ambiente.

O uso desses critérios são fundamentais para o desenvolvimento e produção do conteúdo jornalístico sobre meio ambiente. Alguns critérios devem, obrigatoriamente, fazer parte de qualquer notícia, como a qualidade das fontes consultadas, e a discussão de causas e consequências dos fatos. A diferença, conforme Bueno (2007b), está no compromisso do jornalismo ambiental, que deve tratar das mais variadas questões referentes ao tema, de maneira aprofundada, contribuindo para que o jornalismo cumpra com seu papel de informar com qualidade, no contexto de sua função pedagógica.

Verde Sinos

A análise foi realizada com base nas categorias mencionados na metodologia, e a seguir apresentamos as tabelas com os dados obtidos para a discussão da pesquisa.

Conceitos Ecológicos	
P#1	1
P#2	0
P#3	1
P#4	0

Tabela 3: Conceitos ecológicos apresentados nas reportagens

Os conceitos ecológicos estão presentes com frequência na série premiada, porém, como mostrado na tabela 3, são poucas as vezes que são explicados. Apenas as reportagens P#1 e P#3 trazem unicamente, uma breve especificação do termos

biodigestor e poluição, respectivamente. Isso é um ponto desfavorável da série, sendo que nas pautas ambientais é fundamental que se definam esses conceitos, para que o texto não se torne muito complexo ao leitor.

Uso de Fontes														
GRUPO					CRÉDITO									
	P#1	P#2	P#3	P#4		P#1	P#2	P#3	P#4		P#1	P#2	P#3	P#4
Oficial	1				Identificada	x				Sigilosa				
Empresarial					Identificada					Sigilosa				
Institucional					Identificada					Sigilosa				
Individual		1			Identificada		x			Sigilosa				
Testemunhal					Identificada					Sigilosa				
Especializada	3	2	3	2	Identificada	xxx	xx	xxx	xx	Sigilosa				
Referência					Identificada					Sigilosa				

Tabela 4: Fontes consultadas para a produção das reportagens

Observa-se, de acordo com a Tabela 4, que as fontes mais consultadas para a série foram as especializadas, sendo que estavam presentes nas quatro reportagens. Seguindo a classificação de fontes proposta por Schmitz (2011), se qualifica a fonte especializada como uma pessoa de notório saber específico ou organização detentora de um conhecimento reconhecido. Considera-se que o uso frequente das fontes especializadas decorreu da pretensão de dar voz aos que estão envolvidos no projeto e, em consequência disso, possibilitar uma maior visibilidade ao trabalho dos pesquisadores que estudam os banhados da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos. Apenas a P#2 traz uma fonte individual, presente somente no vídeo. Com isso, constata-se que não há uma preocupação na série em humanizar a narrativa jornalística. A fonte oficial, caracterizada por tratar do interesse público, está presente unicamente na P#1, também demonstrando que a reportagem não ampliou o tema para a construção de questionamentos frente aos poderes instituídos socialmente.

Mesmo que todas as fontes tenham sido identificadas nas reportagens, fator que contribui para situar o leitor e que faz parte da ética jornalística, a série se enfraqueceu, sobre o ponto de vista dos critérios jornalísticos, por ter seu enfoque voltado basicamente às fontes especializadas, e com isso, não buscar a pluralidade de fontes.

Recursos de Multimídia				
	P#1	P#2	P#3	P#4
Imagens	4	11	2	2
Vídeos	1	1	1	1
Infográficos	1	1	1	1
Links	2	2	2	3
Áudio	0	0	0	0
Animação	0	0	0	0

Tabela 5: Recursos de multimídia utilizados na série de reportagens

Os recursos de multimídia constatados nas quatro reportagens foram imagens, vídeos, infográficos e links. A Tabela 5 apresenta o número de itens verificados. As imagens foram o recurso mais usado, e aparecem com maior frequência na P#1. As imagens ilustraram os temas abordados ao longo do texto e também identificavam algumas das fontes. O segundo elemento que apareceu com maior frequência foram os links, que remetiam às próximas reportagens e também às anteriores, proporcionando ao leitor mais informações e contextualização sobre o tema abordado. Os infográficos e os vídeos estão presentes, da mesma forma, em todas as reportagens das séries; aparecem uma vez em cada. Por meio dos vídeos foi possível abordar de uma maneira mais ampla o assunto, sendo que estes trouxeram mais depoimentos das fontes e enfatizaram o trabalho desenvolvido pelo projeto *Verde Sinos*. O outro elemento visual, o infográfico, possibilitou, juntamente com os demais recursos, informar e tornar a reportagem mais atrativa aos leitores.

Causas, consequências e soluções				
	P#1	P#2	P#3	P#4
Causas	2	2	1	2
Conseq.	1	2	1	2
Soluções	2	0	1	0

Tabela 6: Critérios jornalísticos apresentados nas reportagens

Como se pode observar na Tabela 6, as reportagens P#2 e P#4 mostram as causas e as consequências dos fatos, sem citar as possíveis soluções para a problemática, e na P#1 falta apresentar consequências. Diferentemente da P#3, que

exibe causas, consequências e prováveis soluções. A P#1, por exemplo, traz como causa os banhados sendo alvo de empreendedores da construção civil ou de produtores rurais e em busca de uma solução a isso, o atlas (documento científico para auxiliar na tomada de decisões dos agentes públicos) possibilitará ver se a localização do terreno é ou não uma APP. Falta, desse modo, quais as consequências aos banhados caso essas medidas não forem tomadas. Ainda na P#1, os critérios foram seguidos por exibir, em um primeiro momento, as causas e consequências de quem mora em áreas úmidas, que além de não contar com estações de tratamento, sofrem dificuldades com a eficiência da fossa séptica e limitações com o uso do equipamento biodigestor (aparelho para tratar o esgoto sanitário). A solução se dá por meio da pesquisa, onde será possível disponibilizar o projeto aos órgãos públicos, para oferecer aparelho às comunidades que vivem nos locais sem infraestrutura.

Já a P#2 apresenta apenas causas e consequências para as problemáticas. Em decorrência das mudanças climáticas, os animais saem a procura de um outro lugar, sendo que aquele ambiente não atende mais suas necessidades; outras causas seriam ainda a poluição, urbanização, crescimento populacional que ameaçam os animais e estes, quando vulneráveis a presença do homem, podem desaparecer de determinado local. Da mesma maneira, a P#4 traz somente causas e consequências: os banhados são vistos por muitos como grandes criadores de mosquitos e em decorrência disso se tornam depósitos de lixo ou acabam desconfigurados, aterrados e com vegetação destruída, além disso, a área úmida, habitat de diversos animais e plantas, é vítima da ação do homem e deixa de cumprir seu papel natural em favor do meio ambiente. Outra causa apresentada, sem solução, é que toda vez que ocorre cheia, os banhados passam por uma transformação, que pode ser tanto para melhor como para pior.

Seguindo os critérios jornalísticos, a P#3 traz a causa, a poluição na bacia do Rio dos Sinos, a consequência disso, a água dos banhados pode ter sido afetada pela ação do homem e isso interferido na vida das espécies, e também uma provável solução: “quando o estudo estiver concluído, empresas que depositam seus efluentes na bacia e os municípios, terão parâmetros para verificar o quanto esses dejetos estão alterando o ecossistema”, sendo considerada, portanto, a reportagem mais completa da série.

Estatísticas e Legislação				
	P#1	P#2	P#3	P#4
Estatísticas	2	2	1	1
Legislação	0	0	0	0

Tabela 7: Critérios jornalísticos apresentados nas reportagens

As quatro reportagens utilizaram estatísticas para complementar e enriquecer o texto. Na P#1, o recurso foi usado para se referir à quantidade da localização dos banhados que o atlas irá assegurar e também para explicitar dados do Projeto Monalisa, o qual antecedeu o *Verde Sinos*. As estatísticas aparecem em dois momentos também na P#2, a primeira vez quando é explicado como funcionam as visitas às áreas mapeadas e, posteriormente, aparecem dados do censo. Com apenas uma ocorrência, na P#3 há informações do destino incorreto do esgoto e na P#4 referência a uma pesquisa de campo. Já o recurso de legislação não apareceu em nenhum momento na série de reportagens.

Critérios	
Conceitos ecológicos	2
Uso de Fontes por grupo	3
Recursos de multimídia por categoria	4
Causas	7
Consequências	6
Soluções	3
Estatísticas	6
Legislação	0

Tabela 8: Categorias analisadas na série de reportagens

A Tabela 8 apresenta os resultados gerais das categorias. Observa-se que apenas dois, dos inúmeros termos ecológicos contidos, são explicados. A série não buscou ainda, a pluralidade das fontes, consultando apenas pessoas pertencentes a três grupos: oficial, individual e especializada, sendo utilizada com maior frequência a especializada. Constata-se, diante disso, a valorização do conhecimento científico em desfavor de outros saberes. Os recursos de multimídia foram contribuintes das reportagens. Quatro categorias foram utilizadas: imagens, vídeos, infográficos e links, e cada uma dessas ferramentas contribuiu para enriquecer a série. Em relação aos critérios

jornalísticos, a legislação é o único elemento que não consta nas reportagens. Além de que, faltam as soluções para algumas causas apresentadas.

Considerações finais

No campo da educação ambiental, o papel social do jornalismo é reconhecido a partir da promoção de um debate mais aprofundado das pautas ambientais, considerando que as informações devem seguir critérios jornalísticos e, portanto, serem de qualidade. No decorrer da análise da série *Verde Sinos*, nota-se que há ausência de fundamentos quanto aos conceitos ecológicos, não ampliando a função informativa para tornar os temas ambientais menos complexos ao público.

Por deixar de exibir, na maioria das vezes, as soluções para a superação dos problemas ambientais e, além disso, não buscar a pluralidade das fontes, dando ênfase ao saber científico, percebe-se a falta de visões diferenciadas para as problemáticas. Desta forma, acredita-se que a função informativa e o compromisso com o interesse público foram cumpridos, porém com algumas falhas em relação à falta de humanização e o vago incentivo à cobrança dos direitos de cidadania junto ao poder público.

A série não apresenta, em nenhum momento, legislação a respeito dos temas tratados, o que teria favorecido, em conjunto com as estatísticas - que enriqueceram as reportagens - uma discussão mais ampla diante das questões ambientais, inserindo-se nesse contexto, a função política do jornalismo. No entanto, de modo a contribuir com o texto verbal, os recursos multimídia viabilizaram ao leitor diferentes formas para a compreensão das reportagens, trazendo informações relevantes por meio de infográficos, vídeos, imagens e também links.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. (2011) **Análise de Conteúdo**. (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trads.). São Paulo Edições 70. (Obra publicada original em 1977)

BUENO, W. C. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**. Editora UFPR. n. 15, jan./jun. 2007a.

BUENO, W. **Comunicação e Jornalismo Ambiental**: teoria e pesquisa. São Paulo: Mojoara Editorial, 2007b.

BURNZTYN, M. **Ciência, ética e sustentabilidade**: desafios ao novo século. 2. ed – São Paulo: Cortez ; Brasília, DF : UNESCO, 2001.

CAMPOS, P. **Jornalismo Ambiental e Consumo Sustentável** - Proposta de Comunicação Integrada para a Educação Permanente. 2006. Tese (doutorado) - Escola de Comunicação e Artes/USP, São Paulo. Disponível em: <<http://www.ecibernetico.com.br/colunaradar/Tese/PDF/PEDRO%20CELSO%20CAMPOS.pdf>> Acesso em: 10 mar. 2017.

JOHN, L. Imprensa, meio ambiente e cidadania. **Ciência e Ambiente**, Santa Maria, n.23, p.87-94, 2001.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

GIRARDI, I.; SCHWAAB, R.; MASSIERER, C.; LOOSE, E. Caminhos e descaminhos do Jornalismo Ambiental. **Comunicação & Sociedade**, v.34, n.1, p.131-152, 2012. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/2972/3136>> Acesso em: 02 abril 2016.

MASSIERER, C. **O olhar jornalístico sobre o meio ambiente: um estudo das rotinas de produção nos jornais Zero Hora e Correio do Povo**. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10991>> Acesso em: 10 abril 2017.

MORAES, C. H. de; CORRÊA, A. M. F. *Entre o susto e o esquecimento*: Jornalismo Ambiental na lógica da indústria da informação In: **Jornalismo Ambiental: desafios e reflexões**. 1 ed. Porto Alegre : Dom Quixote, 2008, pp. 210-227.

_____. **Rio+20 entre o clima e a economia**: enquadramentos discursivos nas revistas brasileiras. Bauru, SP: Canal 6, 2016.

PETRARCA, F. R. Atuação profissional, recursos militantes e lógicas de engajamento no jornalismo ambiental no Rio Grande do Sul. **Comunicação & política**, v.26, nº3, p. 50. 2008. Disponível em: <<http://migre.me/wnJ7p>>. Acesso em: 05 abril 2017.

TRIGUEIRO, A. **Meio ambiente no século 21**: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento. 4. ed. 2005, 1 reimpressão - Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2008, p 348

VEIGA, J. E. da. **Sustentabilidade**: a legitimação de um valor. Editora Senac São Paulo, 2010.

SCHMITZ, A. A. **Classificação das fontes de notícias**. 2011. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/schmitz-aldo-classificacao-das-fontes-de-noticias.pdf>> Acesso em: 11 abril 2017.